



Seção

Temática Livre



Da consanguinidade à socialidade: um esboço dos estudos de parentesco como contributo à noção de família ritual²⁰⁶

From consanguinity to sociality: an outline of kinship studies as a contribution to the notion of ritual Family

Élcio Sant'Anna²⁰⁷
Faculdade Unida de Vitória

Resumo: A consanguinidade era considerada o marco zero para os arranjos de parentesco da humanidade. Mas esta visão foi chamada de fictícia e indemonstrável. Com isto ficou a questão: como se produz parentesco desvinculado da consanguinidade? É assim que este artigo propõe a “contravenção e o contrabando” da noção de socialidade dos etnólogos no detalhamento dos estudos de parentesco dos ameríndios amazônicos para os estudos das afinidades identitárias entre afrodescendentes no contexto das irmandades religiosas. Portanto, as práticas recíprocas da família ritual equivaleriam a socialidade amazônica, pois o ritual é o duplê do sangue.

Palavras-chave: Consanguinidade. Socialidade. Parentesco. Família Ritual.

Abstract: Consanguinity has been considered ground zero for humankind's kinship arrangements. But this point of view has been called fictitious and unprovable. With this question was: how to produce kinship detached from Consanguinity? This is how this article proposes the “contravention and smuggling” of the ethnologists' notion of sociality in detailing the kinship studies of Amazonian Amerindians studies of identity among African descendants within the framework of religious brotherhoods. Therefore, the reciprocal of the Amazonian sociality family ritual quantity, because the ritual is double the blood.

Keywords: Consanguinity. Sociality. Kinship. Ritual.

Introdução

Este artigo se propõe a estudar como tema da consanguinidade falhou em seus propósitos para fundamentar a noção de afinidades da família humana. Tal orientação após décadas de consolidação do paradigma nos estudos da organização do parentesco se mostrou infrutífera para potencializar os encontros atuais desde a Antropologia americana até os estudos de identidade. Desde o fim do paradigma da unidade psíquica humana a ideia de pensar a família e o parentesco como um único veio que se

²⁰⁶ Agradeço a orientação desta pesquisa da prof^a. Dr^a. Carmem Izabel Rodrigues do PPGSA-UFPA, em minha aproximação ao tema a mais de 10 anos.

²⁰⁷ Doutor em Ciências Sociais com concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Graduado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. É docente do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória.

desenvolvem apenas com algumas meras diferenças culturais superficiais,²⁰⁸ a noção de linhagens lineares começou se desconstruir.

A partir disto, para fundamentar este estudo foi necessária uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica com cunho etnológica e antropológica. Foi assim que autores do quilate de Louis Morgan, David Schneider, Marilyme Strathern, Susana Viegas, Joanna Overing, Cecília McCallum, Eduardo Viveiro de Castro, Carlos Fausto, Cristine Lasmar, Aparecida Vilaça, Carmen Izabel Rodrigues e Klaas Woortmann entre outros para criar uma armadura conceitual, para que se pudesse revisar a teoria da consanguinidade do parentesco. Em sequência, daí em diante, pensar a socialidade como produtora de vínculo em contextos de grupos desterrados e desenraizados que pensaram suas identidades culturais e religiosas.

Desta maneira buscou-se tratar da questão de como discutir os vínculos de parentesco sem o auxílio da noção de consanguinidade? Agora não mais dentro do ambiente dos ameríndios tentando responder no campo de outra ceara que é dos grupos afrodescendentes.

2 A consanguinidade desconstruída na teoria do parentesco

Após 141 anos da ciência do parentesco, algumas revisões e até mesmo desconstruções se fizeram necessárias, contudo, é sempre bom dar crédito àqueles que se impuseram qualitativamente na caminhada. É o caso de Lewis Morgan que é lembrado como um dos pioneiros do campo.²⁰⁹ Morgan tinha o interesse entender como a “família humana” havia se desenvolvido através de sucessivos estágios.²¹⁰ Morgan afirma sobre a família:

A família passou por formas sucessivas, e criou grandes sistemas de consanguinidade e afinidade que duram até o dia de hoje. Esses sistemas registram as relações existentes na família no período em que cada um, respectivamente, foi formado, e contém um registro instrutivo de experiência da humanidade enquanto a família está avançando da consanguinidade para a monogamia, passando por formas intermediária.²¹¹

A consanguinidade para Morgan foi sempre o marco zero para os arranjos de parentesco da humanidade. Comparando os sistemas de parentesco e de afinidade buscou entender a trajetória da “família humana” até o estágio que era tido como o mais sofisticado: a monogamia. Morgan perseguiu o objetivo através do seu método: “explicação conjectural”.²¹² A sua obra de maior envergadura é sem dúvida: *Sistemas*

²⁰⁸ ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. 7ª ed atualizada e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 35.

²⁰⁹ ALMEIDA, Mauro W. B. de. 2011. Lewis Morgan: 140 anos dos sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana (1871-2011). Em: *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010. <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45193/48805>. p. 310.

²¹⁰ MORGAN, Lewis H. 1877. A Sociedade antiga. Em: *Evolucionismo cultural/ Textos de Morgan, Tylor e Frazer; textos selecionados, apresentação e revisão de Celso Castro; tradução, Maria Lúcia de Oliveira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, p. 49.

²¹¹ MORGAN, 2005, p. 45.

²¹² ALMEIDA, 2010, p. 311.

de consanguinidade e de afinidade na família humana (1871). Sobre a obra e seu autor Mauro Almeida diz: “mereceria o reconhecimento de ter sido o criador do objeto sistema de parentesco”.²¹³

Como fora dito, uma pesquisa tão consolidada como a ciência do parentesco não passaria incólume às reviravoltas em que vez por outras as ciências humanas são submetidas, quando as quebras de paradigmas se manifestam. Talvez a grande revisão do tema tenha sido produzida por David Schneider. No centenário da obra de Morgan, Schneider afirmou que “Lewis Morgan era o fundador da ciência de um objeto inexistente”.²¹⁴ Schneider fez um ataque virtualmente fatal a Morgan e sua ciência.

Schneider descreu de um dos elementos-chave da teoria de Morgan: a consanguinidade.²¹⁵ Schneider assevera que a genética e a biologia são as pedras de toque do pensamento de Morgan. Tratava-se para Schneider de um sistema fundado sobre “uma comunidade de sangue... a expressão formal e reconhecimento dessas relações”.²¹⁶ Mas Schneider afirmou que a “família é uma unidade cultural particular que abriga tipo de diferentes de parentes”²¹⁷

Desde Morgan adotou-se a visão que privilegiava uma “relação fictícia ou presumida ou indemonstrável do parentesco biológico”.²¹⁸ O aspecto social segundo Schneider foi intencionalmente modelado a esta visão. Assim a ciência do parentesco de Morgan que foi tão cara à antropologia de modo geral, que aparentemente teria sobrevivido até mesmo ao evolucionismo, como biologismo insepulto, uma “sobrevivência do cadavérico” ao reducionismo evolucionista do século XVIII, começou a passar por transformações.

Desde Schneider não se pode entender um sistema sociocultural a partir de elementos simplesmente biológicos. O sistema sociocultural é construído.²¹⁹ Desta maneira, David Schneider, assim como Marilyme Strathern em *After Nature* (1992), direcionou a discussão sobre o parentesco para outros aspectos. A pergunta que se buscou tratar desde então como se produz parentesco desvinculado da consanguinidade?

3. A socialidade e seu valor a etnologia brasileira

De forma mais ampla, o que se quer averiguar é como o parentesco é construído? Talvez uma das contribuições mais relevantes tenha sido um movimento recente referente à etnologia brasileira. Foi o que levou Susana Viegas, influenciada por Joanna Overing a elaborar um título de capítulo inusitado: “Comer com minha mãe preferida:

²¹³ ALMEIDA, 2010, p. 311.

²¹⁴ SCHNEIDER, David, citado por ALMEIDA, Mauro W. B. de. Op. Cit, p .16.

²¹⁵ SCHNEIDER, David. M. 1977. What is Kinship all About? In: *Kinship and Family. An anthropological reader*. Blacwell Publishing, 2004, p. 257.

²¹⁶ SCHMEIDER, 2004, p. 257.

²¹⁷ SOUZA, Erika Renata. 2006. Família e parentalidade homossexual: Revendo teorias, repensado a prática. Em: *Revista brasileira de sexualidade humana*. Vol. 17, n. 2, p. 285.

²¹⁸ SCHNEIDER, 2005, p. 259-260.

²¹⁹ SCHNEIDER, 2005, p. 262.

parentes, afetos e o tempo da socialidade”.²²⁰ Assim Viegas mostra-se interessada no sentido de pertença e socialidade entre os *Tupinambá*.²²¹

Desde os trabalhos dos etnólogos americanistas britânicos (Overing e egressos da *London School Economics – LSE*)²²² e estudos como os de Aparecida Vilaça, os temas da socialidade amazônica passaram polarizar-se torno da comensalidade, ou do canibalismo.²²³ A partir de uma memorial obra de Joanna Overing nas Terras Baixas, Cecília McCallum relatou que o pacifismo passou a ser visto como produzindo um “refinamento nos discursos moralizantes e nas práticas dos *Piaroa*”.²²⁴ Assim, Joanna Overing e Carlos Fausto foram colocados em lados opostos (pacifismo e guerra). Desta maneira, ambos acabam por tratar dos elementos socializantes da vida amazônica.

É neste contexto que o tema da socialidade retorna com bastante força. Os etnólogos puseram-se considerar de forma mais séria a questão da socialidade no contexto amazônico. Cecília MacCallum decidiu-se primeiro por descortinar elementos mais básicos relativos à socialidade *linkando-a* a “*human agency* em suas formas mais variadas”.²²⁵ A socialidade por assim dizer, tornou-se o fundamento do processo social.²²⁶ Eduardo Viveiro de Castro toma o termo para expor de forma básica:

Admitamos, pois se há de começar por algum lugar, que a matéria privilegiada da antropologia seja a socialidade humana, isto é, o que vamos chamando de ‘relações sociais’; e aceitemos a ponderação de que a ‘cultura’, por exemplo, não tem existência independente de sua atualização nessas relações.²²⁷

São a agência humana e as relações sociais que dão o chão para o estilo de vida para as culturas ameríndias amazônicas. A socialidade tem como suporte ação humana. Mas existem ações que são confirmadoras da vida social e outras de menor importância. É assim que os etnólogos vêm privilegiando diversos comportamentos da vida social dos povos ameríndios entre outros. Logo não é sem importância que os temas como caça, guerra e canibalismo,²²⁸ tanto quanto comensalidade, predação e troca,²²⁹ entre outros têm sido considerados.

²²⁰ SILVEIRA, Nádia H. Antropologia do Cotidiano. Resenha de VIEGAS, Susana de M. Terra Calada: Os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia. Rio de Janeiro, 7 Letras 2007, 339p. Em: *Revista brasileira de ciências sociais*. Vol. 23. n. 68, p. 180. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/SzrDJnk3Y47nHy6wJgVXR8c/?lang=pt&format=pdf>

²²¹ SILVEIRA, 2007, p. 180.

²²² FAUSTO, Carlos. Banquete de Gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana*. 8(2), p. 8. n.1. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/GfzkLC6Xx7DVsqmNjzhDmjL/?format=pdf&lang=pt>

²²³ Id. Ibid. Loc. Cit.

²²⁴ MCCALLUM, Cecília. 1998. Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: Perspectiva de uma antropologia da vida diária. Em: *Rev. Bras. Ci. Soc.* São Paulo: V. 13, n. 38, Oct. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pib=so102-69091998000300008&ing=en&nrm=iso>

²²⁵ Id. Ibid. p. 1

²²⁶ Id. Ibid. Loc. Cit.

²²⁷ CASTRO, Eduardo Viveiro de. 2002. O nativo relativo. *Mana* 8(1), p. 120.

²²⁸ FAUSTO, Carlos. Op. Cit, p. 7.

²²⁹ MCCALLUM, Cecília. Op. Cit, p. 2 e 3.

A socialidade fundamentada na ação humana serve para garantir a vida social. Como Diz Carmem Rodrigues:

O conceito de agência, central na análise da relação entre estrutura e sujeito... está sendo reapropriado aqui, para um nível micro, para tratar das capacidades relacionais dos sujeitos para estabelecer vínculos e obter recursos materiais ou simbólicos para produzir eventos (como as festas) através de diversas mediações construídas através de suas práticas cotidianas.²³⁰

A agência humana é entendida como um conjunto de ações vinculantes, capazes de fortalecer o tecido da comunidade. É conjunto de práticas e trocas também chamadas por Carmem Rodrigues como “formas de sociabilidade”.²³¹ Várias formas de sociabilidades devem ser direcionadas a produção da socialidade, que segundo McCallum é um “estado momentâneo na vida social de um grupo, definido pelos sentimentos de bem-estar e pelo autorreconhecimento como um grupo de parente em plena forma”.²³²

As práticas produtivas dentro do grupo criam vínculos, fazem surgir parentesco.²³³ Através das práticas produtivas, laços são feitos. Então, por meio de visitas às outras aldeias, das caças, de troca de presentes, da predação e de outras ações os *kaxinauá* reafirmam seus laços.

Mas há um perfil diferenciado entre as agências como um todo. McCallum afirma que as agências humanas podem ser divididas entre femininas e masculinas. Aqui um paradigma de grande monta transparece. A socialidade entre os *kaxinauá* se manifesta conforme os gêneros.²³⁴ Existem ações masculinas e femininas produtoras de socialidade.

Schneider quando abriu mão do paradigma da consanguinidade deixou aberta a porta para que ações de ordem socioculturais pudessem ser geradoras de conexões sociais. As mulheres no contexto interno processam alimentos entre os *kaxinauá*. Esta é uma ação reafirmadora dos laços de comunidade.

A contrapartida do *agency* masculino é o feminino. Cabe a mulheres adultas, já impregnadas de saber e forças criadoras – adquiridas mediante um longo processo de fabricação corporal (McCALLUM, 1989 E 1996) – processar as aquisições e produtos masculinos, e torná-los apropriados ao consumo. Uma vez transformados, os produtos consumíveis serão servidos pelas mulheres aos consumidores, num gesto (ou série de gestos) que designa o poder feminino de dar, ou

²³⁰ SIMMEL, Georg, apud RODRIGUES, Carmem Izabel. 2011. Entre parentes, vizinhos e amigos: redes de sociabilidade e agência jurunense. *Composição*. Ano. 5; nº.9, dez, p. 10, n.6.

²³¹ Id. Ibid.

²³² MCCALLUM, Cecilia. Op. Cit, p. 3.

²³³ OLIVEIRA, Philippe Hanna de Almeida. 2008. Aspectos da vida diária Kaingang: o gênero na aquisição, preparo e distribuição da comida. Em: *Fazendo Gênero - 8 – Corpo, violência e poder*. Florianópolis, p. 2.

²³⁴ MCCALLUM, Cecilia. Loc. Cit.

melhor, de presentear aos que vão consumir. Eis a relação que é a especialidade feminina, *opima* – “fazer consumir”.²³⁵

O “fazer consumir” é instaurador de poder na ordem do grupo. Estas mulheres estão cheias de “saber e poder”. A predação só produz até metade do caminho para a socialidade. O homem precisa que produto seja processado. Na verdade, toda a família necessita desta conexão entre as agências masculinas e femininas. Mas Cristiane Lasmar afirma que entre os da região no *Uaupé* se diz que com o casamento a mulher tem a sua autonomia empoderada. Agora ela tem a “sua própria roça e sua própria casa”.²³⁶

O que se entende com a noção de socialidade é que não será mais possível retornar à ideia de que a consanguinidade é fundamental ao parentesco. Na verdade, a ciência do parentesco aprendeu desde Schneider que existem os elementos importantes a se considerar dentro da vida social para construir parentesco entre os ameríndios amazônicos. As sociabilidades, as ações reafirmadoras da vida social dos povos das Terras Baixas indicam que para fazer surgir parentesco é necessário na vida diária, imbuir-se de tarefas e ações que unem o grupo, que geram a sobrevivência das comunidades como um todo. Se for necessário até mesmo fazer uso de predação para que os grupos se mantenham articulados entre si. Mas é importante também perceber que Schneider abriu a porta para fazer também a revisão do tema da consanguinidade no contexto do parentesco. Mas isto será visto somente no outro segmento.

4. A socialidade mecanismo chave para a família ritual

Esta seção da presente iniciativa busca verificar como a trajetória pela qual percorreu a ciência do parentesco, mormente dentro do contexto da etnologia amazônica, pode servir de contribuição para o entendimento da noção de “família ritual” dentro do contexto das irmandades religiosas no Brasil.

É possível que este movimento tentado cause aversão a quem busque atuar dentro dos limítrofes das áreas academicamente pronunciadas. Na verdade, os atos desplásticos hoje provocam menos horror do que no passado. Entretanto, existem aqueles que podem ser ressentir de uma falta de rigor disciplinar. Todavia, tal direcionamento se mostra aqui, como encaminhamento necessário. Sendo assim, o que se quer fazer aqui é reconhecer, admitir a contravenção.

Está se contrabandeando aqui, a compreensão de socialidade resgatada por Carmem Rodrigues como: “relações pessoais em operação” e “socialidade em ato” de Georg Simmel²³⁷ para os estudos de afinidade identitárias entre afrodescendentes no contexto de devoções religiosas.

²³⁵ Id. Ibid. Loc.Cit.

²³⁶ LASMAR, Cristiane. Gênero e (re)produção no cotidiano da comunidade. Em: *De volta ao Lago de Leite*. Gênero e Transformação no Alto Rio Negro. Editora Unesp; Instituto Socioambiental; NUTI, p. 106.

²³⁷ SIMMEL, Georg S. apud RODRIGUES, Carmem Izabel. *Op. Cit.* p. 12-13. n.8.

É importante que se possa lembrar de que a pesquisa do parentesco já havia se importado com as questões de sistemas africanos de parentesco.²³⁸ Alfred R. Radcliffe-Brown já havia dado atenção aos “grupos corporados”.²³⁹ Estes grupos se estabeleciam dentro do contexto de ações coletivas e rituais. Radcliffe-Brown os viu como uma “aldeia em torno de um chefe, permanecendo um grupo aberto”.²⁴⁰

Todavia, é necessário que se lembre que Radcliffe-Brown ainda operou dentro do paradigma da consanguinidade. Os grupos corporados também tinham muitas aproximações com comunidades consanguíneas estabelecidas na África. Mas o exílio e a escravidão vieram a produzir lacunas nas relações sociais, na memória coletiva e nas estruturas dos cultos africanos.²⁴¹

A escravidão e o tráfico esfacelaram as relações dos grupos africanos que chegaram aqui nas colônias no Brasil. Sabe-se que “a escravidão destruiu a organização da sociedade negra”.²⁴² Assim não seria mais possível verificar os grupos consanguíneos, tornando impraticável até então um estudo dos sistemas de parentesco entre os grupos de afrodescendentes. É assim que se pode entender que os estudos etnológicos amazônicos têm a contribuir para a compreensão das ações vinculantes entre os grupos aparentados pelo ritual.

Sendo a socialidade resultado de práticas produtivas, criadoras de vínculos, fazendo surgir parentesco, torna-se um ambiente fabricante de horizontes de bem-estar social, aparentando grupos através de ações (conflitantes ou solidárias) consolidadoras. Então, a pergunta sobre maneira pela qual as irmandades religiosas produzem parentesco traz à baila a necessidade de um construto que reúna o tema da socialidade e a noção da “família ritual”.

É importante considerar que entre aqueles que estão ligados aos cultos afros em Belém do Pará a expressão se mostra corrente. Em uma reunião da Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do estado do Pará (FEUCABEP) houve uma solenidade referente ao quinquagésimo aniversário de “feitura de Pai Bené”, onde a pesquisadora Anaiza Virgolino Henry reconstituiu-lhe a linhagem até o continente africano.²⁴³ No episódio é mencionado também a audiência:

Ali encontramos tanto grupos completamente aliados como a FEUCABEP – do qual Bené era um dos representantes máximos – e sua **família ritual**, quanto outros grupos como, por exemplo, os “candomblecistas”, - que historicamente travaram com os “mineiros”, uma disputa surda por legitimidade.²⁴⁴

²³⁸RADICLIFF-BROWN, A. R. Introdução e sistema africanos de parentesco e casamento. Em: *Grandes cientistas sociais*. Júlio Cezar Melatti (Org.). São Paulo: Ática, 1978, p. 59-161.

²³⁹ Id. Ibid. p. 108.

²⁴⁰ Id. Ibid. p. 109.

²⁴¹BASTIDE, Roger. 1960. Os problemas da memória coletiva. *As religiões africanas no Brasil*. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira Editora, p. 333.

²⁴² Id. *Groupes sociaux et transmission des legends*, Psyché. n°34. ago. 1949.p. 716-755. (tradução minha).

²⁴³CAMPELO, Marilu Márcia; LUCA, Taissa Tavernard de. 2007. As duas africanidades estabelecidas no Pará– Brazil. *Revista aulas: Dossiê Religião* n.4 – abr-jul, p. 9-10.

²⁴⁴ Id. Ibid. p. 11.

Na audiência da solenidade é mencionada a “família ritual” entre outros grupos presentes. Esta noção também é utilizada entre representantes do catolicismo negro. Leonara Lacerda Delfino ao tratar da relação entre o *ethos* caritativo²⁴⁵ e o parentesco ritual entre os confrades do rosário faz uso da expressão:

Levando em consideração a dificuldade do estabelecimento estável do parentesco consanguíneo entre os cativos em áreas urbanas, seja pela limitação de propriedades - a maioria era de pequeno porte - seja pelo desestímulo dos senhores (...) o parentesco ritual confrarial, muitas vezes cumpria o papel de substituir funções que a família consanguínea – nuclear ou extensa – exercia nas unidades de produção agrária. Desta forma, o parentesco confrarial simbólico, associado às práticas de auxílio mútuo fundadas no *ethos caritativo*, servia como veículos fundamentais de socialização e transformação de estrangeiros em escravos, como assim fizeram os núcleos familiares em economias agrárias. Se a **família ritual** simbólica, instituída no âmbito da confraria, constitui-se na principal forma de aparentar-se em sociedades escravistas urbanas, qual o papel exercido pelas Irmandades do Rosário em áreas agrárias, onde o incentivo familiar estabeleceu-se como a principal política de incentivos senhoriais? (negrito meu).²⁴⁶

Leonara Delfino afirma que a consanguinidade era superada pelo parentesco ritual confrarial. O parentesco ritual “cumpria o papel que a família exercia”. Através da família ritual²⁴⁷ as sociedades escravagistas urbanas reconstituíam seus laços familiares. Leonara Delfino diz que: “o *ethos caritativo* incumbia-se de realizar a filantropia no contexto das irmandades baseada na tríade “dar, receber e restituir”.²⁴⁸ A reciprocidade funcionava como elemento socializador na irmandade. Por parentesco Delfino ainda diz:

Consideramos esta prática de aparentar-se, uma estratégia fundamental para a obtenção de aliados e a transformação de “estrangeiros” em parentes irmãos. Deste modo, acentuamos que o parentesco ritual simbólico, fundado numa devoção e princípios de condutas comuns, era capaz de promover a multiplicação de alianças sociais e políticas no interior do grupo identitário da Irmandade.²⁴⁹

²⁴⁵ DELFINO, Leonara Lacerda. 2012. O *ethos* caritativo e o parentesco ritual entre os confrades do Rosário: possibilidades de uma abordagem comparativa entre as irmandades negras urbanas e rurais (Séc. XVIII e XIX). Em: *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n.1, jan-jun, p. 57, n.2.

²⁴⁶ Id. Ibid, p. 64.

²⁴⁷ Em termos de rituais é sempre bom lembrar que esta não é uma questão que afeta somente aos grupos de afrodescendentes. Vários grupos que se estabeleceram a partir da condição diaspórica precisaram criar condições e estratégias semelhantes. Desta maneira, mesmo grupos ligados a tradições religiosas de cunho diferente usaram de expedientes de tornar aparentado em suas congregações. É por isto, que em muitas tradições mesmo não tendo o mesmo sangue pode-se mencionar fervorosamente o outro como irmão.

²⁴⁸ Id. Ibid, p. 57. n.2.

²⁴⁹ Id. Ibid, p. 64. n.8.

As práticas recíprocas estabeleciam liames entre os grupos de africanos que se arraigaram na colônia para fazer surgir novos compromissos e novas fidelidades.

Há uma outra decorrência da criação dessas irmandades, a de que elas contribuíram para a união de diferentes nações negras dentro de uma mesma religião, fato não comum na África, onde muitos dos negros trazidos para o Brasil pertenciam a grupos completamente distintos em cultura e língua ou até mesmo inimigos, formando o que José Reis chamou de parente de nação.²⁵⁰

Até mesmo noções de nacionalidade eram postas em suspensão em função da nova aliança firmada no interior da irmandade. Eles se tornavam “parentes de nação”. Não importavam diferenças. Dentro da irmandade eram todos unidos. Desta maneira interpretava João José Reis: “era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente”.²⁵¹

Neste sentido, evidencia-se o que Dedival Brandão diz: “as antigas irmandades teriam sido criadas no contexto de que os grupos e etnias buscavam uma ambiência de direitos e cidadania”.²⁵² Era uma maneira de socializar-se, “reinventar sua existência”²⁵³. A reinvenção de laços de pertencimento fazia equivaler o parentesco consanguíneo e o ritual realizado pelos cativos.²⁵⁴

A família ritual equivaleria a socialidade amazônica, quando se fundamenta em reciprocidade socializadora, que no seio das irmandades fortalece os vínculos na base do “dar, receber e retribuir”. As festividades e devoções das irmandades seriam formas de sociabilidades, capazes de renovar os laços das comunidades.

As irmandades dentro do contexto de sua formação já foram consideradas como levando a cabo um programa de branqueamento por agremiarem “negros e pardos” na realização de suas festividades.²⁵⁵ Em contrapartida, também se interpretou no caso da

²⁵⁰ BORGES, Cláudia Cristina do Lago. 2008. A cor da oração: uma irmandade negra no sertão do seridó no século XVII. Em: Anais do II Encontro Internacional de História colonial. *Mneme – revista de humanidades*. UFRN. caicó (rn), v. 9. n. 24, set/out, p. 3.

²⁵¹ REIS, João José. 1996. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 4.

²⁵² SILVA, Dedival Brandão da. 1997. As irmandades como forma de organização da sociedade brasileira. Em: *Tambores da esperança*. Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola Editora, p. 26.

²⁵³ SILVA, Gustavo Bianchi. *A religiosidade popular entre o povo e a oficialidade*. O caso da irmandade de nossa senhora do rosário da freguesia São José da Barra Longa [Comunicação - UFV] (circulação interna), p. 6.

²⁵⁴ ZETTEL, Roberta França Vieira. 2010. O parentesco ritual na sociedade escravista rio-pardense – freguesia Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo (1845 a 1865). – Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional: X Encontro Estadual de História - [Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –RS], p. 3.

²⁵⁵ SILVA, Dedival Brandão da. Op. Cit. p. 56.

Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB)²⁵⁶ implicava em mecanismo de resistência de bragantinos destituídos de justiças.²⁵⁷

Por isto tem-se pensado no contexto das devoções beneditinas de Bragança do Pará em aprofundar a percepção dos laços criados entre os bragantinos a partir dos rituais e das festividades da região. Busca se entender se o fenômeno da bragantidade²⁵⁸ é resultado ações rituais e festivas da irmandade de São Benedito em Bragança.²⁵⁹

Conclusão

Quando se é movido por uma questão central, adquire-se fôlego para ir em direção das respostas necessárias. Dessedentar o sentimento que envolve a busca pelo saber é uma tarefa intensa que nem sempre é bem recompensada. Impelida pela pergunta de como se produz parentesco sem o eixo da consanguinidade, a presente pesquisa seguiu o rumo que veio desde os estudos desde Lewis Morgan em sua Obra: *Sistemas de consanguinidade e de afinidade na família humana*.

Se a questão era entender como os grupos de afrodescendentes se estabilizaram, produzindo liga identitária, o caminho do parentesco mostrava-se infrutífero, a menos que surgisse algo novo, que pudesse mudar as perspectivas dos estudos do parentesco. É desta maneira que se recebe as considerações de David Schneider, que desconstruiu a noção de que o parentesco deve ser firmado única e exclusivamente em cima do binômio: consanguinidade – afinidade.

A partir de David Schneider se pôde dar um passo em direção aos estudos do parentesco entre os ameríndios amazônicos para compreender a importância do tema da socialidade, ações viabilizadoras do bem-estar comunitário, fazedoras de laços. Assim se viu como a consanguinidade trata-se de um elemento secundário em relação à comensalidade, hospitalidade, predação e outras ações.

Posto isto, percebeu-se que o tema da socialidade entre os ameríndios sendo contrabandeado para os estudos da noção de família ritual poderia interpretá-la, a ponto de possibilitar-lhe o seu aprofundamento dentro do contexto das irmandades religiosas e outros grupos de afinidades.

Por socialidade entendeu-se que se tratava de um conjunto de ações fundamentadoras da vida social, capazes produzir laços. São práticas produtivas,

²⁵⁶ SANT' ANNA, Elcio. “*Não brinca com São Benedito*”: um estudo antropológico das narrativas nas devoções beneditinas de Bragança – PA. 314f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará Belém 2016.

²⁵⁷ NONATO DA SILVA, Dário B. R. 2006. *Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém, p. 153.

²⁵⁸ VIEIRA, Sônia Cristina A. “*É um pessoal lá de Bragança...*”: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. 2008. 95f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Sociais – UFPA – Belém, p. 88.

²⁵⁹ SANT' ANNA, Elcio. 2010. O papel da narrativa relacionado a rituais e festividades de São Benedito no município de Bragança. Em: *IV Congresso Internacional em Ciências da Religião; e XI Semana de Estudos da Religião: Religião, transformações culturais e globalização*. [Comunicação – PPGCR – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO], p. 7.

criadoras de vínculos, fazendo surgir parentesco. Portanto, começou-se a compreender que o ritual é exatamente esta ação aparentadora. Foi deste modo que se percebeu que dentro do contexto desta pesquisa o ritual é o dublê do sangue.

Tal estudo merece ser aprofundado como uma tentativa de verificar a real contribuição da ciência do parentesco para o estudo das relações sociais dentro das irmandades religiosas e demais grupos que nutrem, a construção de laços de fraternidades entre aqueles que podem se apresentar fervorosamente como irmãos de fé. Outros desenvolvimentos são bem-vindos a esta arena de discussões.

Referências

ALMEIDA, Mauro W. B. de. 2011. *Lewis Morgan: 140 anos dos sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana (1871-2011)* (No prelo em cadernos de campo).

BASTIDE, Roger. 1960. Os problemas da memória coletiva. *As religiões africanas no Brasil*. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo:

BORGES, Cláudia Cristina do Lago. 2008. A cor da oração: uma irmandade negra no sertão do seridó no século XVII. Em: Anais do II Encontro Internacional de História colonial. *Mneme – revista de humanidades*. UFRN. caicó (rn), v. 9. n. 24, set/out.

CAMPELO, Marilu Márcia; LUCA, Taissa Tavernard de. 2007. As duas africanidades estabelecidas no Pará– Brazil. *Revista aulas: Dossiê Religião* n.4 – abr-jul. 27p.

CAÑETE, Thales. Resumo de MCCALLUM, Cecília 1998. Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: Perspectiva de uma antropologia da vida diária. Em: Rev. Bras. Ci. Soc. São PauloV. 13, n. 38, Oct.

DELFINO, Leonara Lacerda. 2012. O *ethos* caritativo e o parentesco ritual entre os confrades do Rosário: possibilidades de uma abordagem comparativa entre as irmandades negras urbanas e rurais (Séc. XVIII e XIX). Em: *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n.1, p. 56-75, jan-jun.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. 7ª ed atualizada e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2018

FAUSTO, Carlos. Banquete de Gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana*. 8(2), p.7-44, 2002.

FAUSTO, Carlos. Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia. *Mana* 14(2): 329-366, 2008.

LASMAR, Cristiane. Gênero e (re)produção no cotidiano da comunidade. Em: *De volta ao Lago de Leite*. Gênero e Transformação no Alto Rio Negro. Editora Unesp; Instituto Socioambiental; NUTI.

MCCALLUM, Cecília. Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: Perspectiva de uma antropologia da vida diária. Em: Rev. Bras. Ci. Soc. São PauloV. 13, n. 38, Oct, 1998. Disponível em <http://www.Scielo.br/scielo.php?script=sciarttex&pid=s0102-69091998000300008&ing=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S01102-696091998000300008>.

- MORGAN, Lewis H. 1877. *Systems of Consanguinity and Affinity in the human Family*. Com Introdução de Elisabeth Tooker. Loncoln e Londres. The university of Nebraska Press. 1997.
- MORGAN, Lewis H. 1877. A Sociedade antiga. Em: *Evolucionismo cultural/* Textos de Morgan, Tylor e Frazer; textos selecionados, apresentação e revisão de Celso Castro; tradução, Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- NONATO DA SILVA, Dário B. R. *Os Donos de São Benedit: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. 2006. 202f. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém.
- OLIVEIRA, Philippe Hanna de Almeida. 2008. Aspectos da vida diária Kaingang: o gênero na aquisição, preparo e distribuição da comida. Em: *Fazendo Gênero -8 – Corpo, violência e poder*. Florianópolis:
- RADICLIFF-BROWN, A. R. Introdução e Sistema africanos de parentesco e casamento. Em: *Grandes cientistas sociais*. Júlio Cezar Melatti (Org.). São Paulo: Ática, 1978, p.7-39, 59-161.
- REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 7-33, 1996.
- REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REIS, João José. “Notas sobre a escravidão na África pré-colonial”. *Estudos Afroasiáticos*, nº 14, p. 5-21, 1987.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. Entre parentes, vizinhos e amigos: redes de sociabilidade e agência jurunense. Em: *Composição*. No.9 Ano. 5. dez/ 2011, p.04-20.
- SANT’ANNA, Elcio. 2010. O papel da narrativa relacionado a rituais e festividades de São Benedito no município de Bragança. Em: *IV Congresso Internacional em Ciências da Religião; e XI Semana de Estudos da Religião: Religião, transformações culturais e globalização*. [Comunicação – PPGCR – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO].
- SANT’ANNA, Elcio. *Apagão de informações: um ponto cego na percepção da gênese plurirreligiosa de afro-descendentes no Brasil*. [Artigo – PPGCS – Universidade Federal do Pará – UFPA], 2012. (Circulação interna).
- SCHNEIDER, David M. What is Kinship all About? In: *Kinship and Family*. An anthropological reader. Blacwell Publishing, 2004.
- SILVA, Dedral Brandão da. As irmandades como forma de organização da sociedade brasileira. Em: *Tambores da esperança*. Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.
- SILVA, Gustavo Bianch. A religiosidade popular entre o povo e a oficialidade. O caso da irmandade de nossa senhora do rosário da freguesia São José da Barra Longa



[Comunicação - UFV] (circulação interna) Em:
http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/Gustavo_Bianch_Silva.pdf.

SILVEIRA, Nádia H. Antropologia do Cotidiano. Resenha de VIEGAS, Susana de M. Terra Calada: Os *Tupinambá* na Mata Atlântica do Sul da Bahia. Rio de Janeiro, 7 Letras, 339p. Em: SILVEIRA, Nádia H. *Revista brasileira de ciências sociais*. Vol. 23. No.68, p. 180-182.

SIMMEL, Georg. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, Erika Renata. Família e parentalidade homosexual: Revendo teorias, repensando práticas. Em: *Revista brasileira de sexualidade humana*. Vol. 17, n. 2, p. 283-297, 2006.

VIEGAS, Susana de Matos. *Terra calada: os Tupinambá* na Mata Atlântica do Sul da Bahia. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2007. 339.p

VIEIRA, José Glebson. Identidade como caso particular da diferença: substância, corporalidade e parentesco na etnologia ameríndia. Em: VVAA. *Sujeitos, saberes e práticas sociais*. ZUBEN, Marcos de Camargo Von et al. (Orgs.). Mossoró: UERN, p. 55-73, 2012.

VIEIRA, Sônia Cristina A. “*É um pessoal lá de Bragança...*”: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. 2008. 95f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Sociais – UFPA – Belém,

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. Em: *Mana* 8(1), p.113-148, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensa*, n. 018, set, 2004.

VERGOLINO E SILVA, Anaylza. 2000. Religiões africanas no Pará: uma tentativa de reconstrução histórica. *Revista Amazônia IPAR: Os Outros 500 Anos na Amazônia*. Belém, IPAR, 2(2).

VERGOLINO E SILVA, Anaylza. *Reconsiderando o parentesco*. p. 149-185. S/D.

WOORTMANN, Klaas. Reconsiderando o parentesco. *Anuário Antropológico*. v. 1 n. 1 1977.

ZETTEL, Roberta França Vieira. 2010. O parentesco ritual na sociedade escravista riopardense –freguesia nossa senhora do rosário do rio pardo (1845 a 1865). – Brasil no Sul: *Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional: X Encontro Estadual de História* - [Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –RS].